Baixar o anexo original

MANUEL GUERREIRO LOPEZ

GLOBALIZAÇÃO: A INFLUÊNCIA DOS ESTRANGEIRISMOS NA LÍNGUA PORTUGUESA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS

NÚCLEO DE APOIO DA ZONA LESTE

JABOTICABAL - SP

2009

MANUEL GUERREIRO LOPEZ

GLOBALIZAÇÃO: A INFLUÊNCIA DOS ESTRANGEIRISMOS NA LÍNGUA PORTUGUESA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação São Luís, como exigência parcial para a conclusão do Curso de Pós--Graduação Lato Sensu em Língua Portuguesa, Compreensão e Produção de Textos.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Roberto Wagner

FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS

NÚCLEO DE APOIO DA ZONA LESTE

JABOTICABAL - SP

2009

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela força maior.

A todos os meus professores, passados e presentes, que me ensinaram mais do que posso me lembrar.

A minha família, pela compreensão e o incentivo sempre presentes e em especial minha esposa, sábia conselheira.

E aos meus amigos da pós-graduação com quem dividi muitos anseios e dificuldades, num sólido processo de amadurecimento acadêmico recíproco.

"Tudo que faz a nossa possível glória, faz também

a nossa miséria cotidiana. E o nosso modo de ser, é

alguma coisa que a gente
percebe que a gente
pode ser maravilhoso e a gente é assim,
miserável" (Veloso, 1992, p.5)

RESUMO

A Globalização traz consigo muitas facilidades para os indivíduos, mas também introduzem novas exigências e a quebra de velhos paradigmas do comportamento humano. Toda nova tecnologia que importamos vem acompanhada de seu nome original, dando a impressão de que em breve não falaremos mais português. "Percebe-se que para cada palavra estrangeira que aparece, desaparece ou deixa de se criar uma nacional. Neste trabalho, temos a incumbência de expressar qual a participação do Estrangeirismo em nossa Língua Portuguesa" e o que isto acaba trazendo para a nossa cultura. Sabemos que a internacionalização do nosso idioma é uma constante e devemos nos preparar para tais situações, pois corremos o risco da descaracterização da cultura sendo que a nossa língua é nosso maior patrimônio cultural.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 07

1 A LÍNGUA COMO PRÁTICA SOCIAL..... 09

2 ESTRANGEIRISMOS LINGUÍSTICO NO PROCESSO DA GLOBALIZAÇÃO..... 13

2.1 Estrangeirismo e língua Portuguesa do Brasil..... 14

2.2 Marcos Bagno, um dos principais opositores ao projeto de Lei

nº 1676/99.....23

3 RELAÇÕES ENTRE LINGUAGEM E CULTURA..... 24

3.1 Linguagem Cultura e Ensino..... 25

Considerações Finais..... 27

Referências..... 29

INTRODUÇÃO

Estamos vivendo num período de globalização da economia e sabemos que esse aspecto é um dos responsáveis pelo acirramento da competitividade. Assim, as constantes transformações culturais e tecnológicas requerem elevação dos níveis de educação geral e da capacitação para o trabalho. A partir daí, conclui-se também que a globalização tem outro efeito: a necessidade urgente de o ser humano estar sempre se atualizando. É a chamada educação permanente, cobrada pela sociedade do conhecimento. Com isso, as pessoas têm sido diretamente afetadas pelos diversos tipos de mudanças que, cada vez mais, ocorrem em acelerada velocidade, com tecnologias que estão sendo rapidamente disponibilizadas no mercado, mudando as necessidades do ser humano. Portanto, quando a velocidade e a capacidade de comunicação eliminam as fronteiras e chocam a vida dos indivíduos, seja no ambiente profissional ou social, a política, as leis e a educação precisam rapidamente se adequar às mudanças, neste caso a linguagem. As influências linguísticas sempre fizeram parte de todas as línguas e isso acontece por vários motivos. Baseado nesse contexto, é que o estrangeirismo está presente na Língua Portuguesa falada no Brasil e pouco a pouco fomos adquirindo vocabulários deste idioma. Sabemos que a internacionalização do nosso idioma é uma constante e devemos nos preparar para tais situações, pois corremos o risco da descaracterização da cultura, sendo que a nossa língua é nosso maior patrimônio cultural. A partir do momento em que perdermos essa raiz, perderemos nossa origem que automaticamente não será repassada à nova geração. Para isto, até Leis já foram aprovadas para conter esse distúrbio e precisamos da conscientização da população em relação ao que esse problema pode ocasionar ao nosso vocabulário. Dessa forma, poderemos conter um pouco mais esse

estrangeirismo e talvez tornar o nosso idioma mais rico com novas palavras traduzidas para a nossa língua.

Este trabalho tem como finalidade mostrar resumidamente como se deu o estrangeirismo na nossa língua no processo da Globalização. No entanto, não podemos deixar de ressaltar os pontos negativos e positivos do Estrangeirismo em nossa Língua Portuguesa e o que isso acaba trazendo para a nossa cultura.

Este trabalho está dividido em 3 (três) capítulos, onde se apontou, na Introdução, o objetivo deste trabalho. O primeiro capítulo trata do referencial teórico, onde se discutem os conceitos da Língua como prática Social; Segundo capítulo Globalização e o Estrangeirismo; Estrangeirismo e Língua Portuguesa do Brasil; Influências negativas; Transformações imediatas; Opositores ao projeto de lei nº 1676/99; Terceiro capítulo; Relação entre linguagem e Cultura; Linguagem, Cultura e Ensino.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho constitui-se numa pesquisa bibliográfica a partir do levantamento de dados encontrados em artigos publicados em revistas científicas, bem como dos extraídos de meio eletrônico.

1 A LÍNGUA COMO PRÁTICA SOCIAL

Segundo Fiorin (2002), os educadores necessitam partilhar experiências que digam respeito à aquisição de linguagens e a importância delas na construção da identidade das crianças quanto ser humano.

Precisam entender que a cultura, no seu sentido mais amplo, também influencia tanto a linguagem de seus alunos quanto a dele próprio, portanto a metodologia nas nossas escolas.

Para compreendermos melhor, precisamos entender o que é linguagem.

Assim, a linguagem é estudada como parte dos processos de interação e comunicação dos seres humanos, e elemento unificador da sociedade e da cultura. A partir da discussão do significado de linguagem, língua, signos verbais e não verbais e comunidade linguística, são focalizados os seguintes aspectos:

- A linguagem (linguagem como enunciação; linguagem verbal, língua e signo verbal; variação linguística);
- A intencionalidade da linguagem (os elementos envolvidos no processo da comunicação; funções da linguagem);
- O lúdico na linguagem (o conceito de lúdico; os jogos de linguagem);
- A intertextualidade (a intertextualidade na cultura; o diálogo entre textos verbais e não verbais; a paráfrase e a paródia (FIORIN, 2002).

Portanto, como a linguagem é um produto de uma coletividade, um meio que viabiliza a construção de uma visão de mundo, podemos raciocinar que a aprendizagem da língua materna "padronização da palavra" possibilita o ingresso do ser humano na sociedade.

Falando em sociedade, a linguagem se confunde com a própria cultura, pois é um fenômeno mundial.

Segundo o Materialismo histórico, o homem só é ser social quando se comunica, pois a aprendizagem adquirida a partir dessa vivência pessoal é partilhada e influenciada pelo grupo / sociedade.

Segundo Luria (1979), colaboradora de Vygotsky, só podemos imaginar o que podemos conceituar (padronização da palavra).

O uso da gíria praticada no meio social exemplifica bem essa influência.

"Assim como o martelo potencializa a força, a linguagem é mediadora que potencializa a capacidade humana" (ZANLUCHI, 2005, p.58).

Com a releitura de Fiorin (2002), por ser a linguagem uma instituição social ela é determinada por fatores ideológicos e tem autonomia dentro da sociedade.

Ao analisarmos a linguagem com a visão filosófica (Teoria Geral do Conhecimento), veremos um confronto dos homens com os outros animais. O homem não vive apenas numa realidade mais ampla, e sim, numa nova realidade. Já não vive num universo simplesmente físico, mas num universo simbólico.

A linguagem, o mito, a arte e a religião são partes desse universo. São os vários ramos entrelaçados de um contexto simbólico. Todo o progresso humano no pensamento e na experiência aperfeiçoa e fortalece a linguagem.

Na linguagem do bom senso todos se entendem, apesar de falarem na pluralidade de línguas. Somos guiados pelo bom senso e é aqui que os indivíduos mais se entendem e se comunicam. O bom senso, ou senso comum é a concordância prática, o acordo espontâneo ou a síntese do que entendemos, imaginamos, sentimos e desejamos.

A Expressão "senso comum" não foi inventada pelas pessoas de senso comum. Com certeza ela foi criada por pessoas que se julgam acima do

senso comum, como forma de se diferenciarem das pessoas que, segundo seu critério, são intelectualmente inferiores, portanto é um conhecimento elitista (FERREIRA, 2005)

O bom senso nos diz como viver nesse complicado mundo cultural, tornando-nos mais humanos e menos culturalistas. Só o homem fala, a linguagem nos abre a realidade, nela ouvimos, percebemos, conhecemos, esperamos, imaginamos, calculamos, confiamos.

Somente quando a criança aprende a língua materna é que ela ingressa verdadeiramente no mundo humano, pois a fala esclarece a si e ao grupo com quem ela convive.

"A língua verbal do homem é somente o nível mais superior da fala em que a totalidade da natureza acontece". (Heinrich Rombach, apud MORA 2005 p. 27)

Na linguagem somos motivados à tarefa de procurar, bem como à de escutar. A escrita ensina as nuanças sonoras da voz humana. No som e na letra, a linguagem nos remete à convivência em sociedade, que nos finaliza no exercício da língua que falamos (materna), e no uso correto de suas palavras.

A linguagem ao ser usada se torna língua falada e modifica uma palavra, dando-lhe outro sentido. Não querer ser entendido, é fugir da ordem. O conteúdo claro e objetivo da linguagem cientifica é respaldado dos enunciados de uma lei, conforme a sentença cartesiana: Penso, logo existo.

Na linguagem estão contidos sistemas de uso de todos os signos, a comunicação só acontece mediante usos ou jogos linguísticos, segundo Wittgenstein (Wikipédia, 2005). Os signos ou palavras são os termos básicos da língua que falamos. Estamos em permanente contato com a variedade de signos.

As teorias semióticas mostram como os signos se relacionam, formando conjuntos estruturais e funcionais.

A aprendizagem da linguagem se faz usando as palavras: compondo juízos. Nessa aprendizagem, escolhemos o sentido das palavras. Na escolha do sentido, percebemos que a linguagem e a aprendizagem da língua, a prática de conversar, ler e escrever mostra a consciência da liberdade, ou seja, o conhecimento metafísico. O livro ensina por meio das palavras, muitas vezes desconhecidas da linguagem informal. Essas linguagens formal e informal de uma mesma língua materna mostram que o homem, quanto ser, quer ser livre em sua opinião, quer questionar sua convivência. Encontramos exemplos disso principalmente nas nossas músicas (FRANCO, 1999).

2 ESTRANGEIRISMO LINGUÍSTICO NO PROCESSO DA GLOBALIZAÇÃO

Uma das características mais importantes das tecnologias de comunicação e informação é a revolução que elas produzem nas dimensões de espaço e de tempo possibilitando a interação entre inúmeros indivíduos, em tempo real, num espaço virtual, o que permite o aparecimento de um mundo globalizado que ameaça derrubar todas as barreiras que, historicamente, delimitam os elementos da identidade nacional dos povos, como a língua, os costumes, as estruturas de autoridade, a organização social, etc (FARACO, 2001).

A influência da língua anglo-saxônica no Brasil e no resto dos países do mundo foi ocasionada pela dominação americana que aconteceu após a segunda guerra mundial. Como a maioria dos países estavam com a economia afetada, os EUA passaram a investir maciçamente em outras economias através de empresas multinacionais.

Com o fim da guerra fria entre os EUA e a URRS, o socialismo propriamente dito não existiu mais prevalecendo unicamente o capitalismo. Diante disso, os EUA se tornaram únicos em influência política e econômica, por ser o país mais rico do mundo e por ter maior influência sobre os outros; o grande monopólio americano encheu os países afetados com empresas que se dá o nome de multinacionais que estão no Brasil e em outros países até hoje (FARACO, 2001).

Diante disso, a influência da língua Americana no Brasil veio por empresas instaladas no país com cultura própria na forma de produzir, bem como na forma de se relacionar com a matriz.

A influência da língua anglo-saxônica é sentida na utilização de muitas gírias como style, yes, etc.; na indústria cinematográfica, onde são produzidos a maioria dos filmes, na música e principalmente nos meios de comunicação que também são influenciáveis por vários tipos de estrangeirismos que advêm dos esportes, como o tênis (Doublé-falt, took spin, ace...), no Vôlei (Match point, ace, Tie-Break, etc...).

Com a globalização cultural, os EUA influenciaram o mundo por meio da indústria cultural (cinematográfica, fonográfica, publicitária, etc...). O rádio, a TV, as revistas, os quadrinhos e o cinema também contribuiriam muito para que o inglês fosse uma língua universal. Dessa maneira o inglês tornou-se a língua dominante em vários setores como tecnologia, alimentação, comunicação, etc. Cerca de 65% das informações relacionadas a todos os meios de comunicação do mundo são dominadas pelos norte-americanos (KUPSTAS, 1997).

Os EUA também dominam o mercado de consumo. Percebemos isso em bebidas, cigarros, griffes, "manias" e outros elementos como: Coca-Cola, Mc Donald's, jeans, camisetas, tênis, fast-food, goma de mascar, rock e filmes de ação, que se tornaram símbolo da cultura mundial com a mensagem "Made in USA"(KUPSTAS 1997).

Isso acontece devido à globalização. Ela torna os países numa aldeia global, interligando-se mutuamente, formando grandes empresas multinacionais.

Para os EUA é bom dominar a indústria mundial, pois isso cria uma espécie de simpatia que faz com que a maioria das pessoas apoiem os norte-americanos (KUPSTAS, 1997).

2.1 Estrangeirismo e língua Portuguesa do Brasil

Para Bechara 1999, estrangeirismo é :

> [...] o emprego de palavras, expressões e construção alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimo tomados de outra língua. Os estrangeirismos léxicos que entram no idioma por um processo natural de assimilação de cultura ou de contiguidade que, aos olhos

> dos puristas extremados, trazem o selo da subserviência e da degradação do país. Esquecem-se de que a língua, como produtor social, registra, em tais estrangeirismos, os contatos de povos [...] O que se deve combater é o excesso de importação de línguas estrangeiras, momento aquela desnecessária por encontrarem no vernáculo palavras e giros equivalentes. E introdução de uma palavra estrangeira para substituir uma vernácula em geral se explica pela debilidade funcional da palavra ameaçada de substituição [...] (BECHARA, 1999, p. 599).

Conforme a definição de Bechara (1999), o estrangeirismo é um empréstimo linguístico, uma prática cultural que pode ser considerada natural devido ao processo de assimilação de uma cultura em contato com outra, mais do que um país em contato com outro. O estrangeirismo não é ato oficial ou diplomático. É processo da comunicação, dialógico e social. É processo social e construtivo da identidade e do discurso.

Um país não pode ficar isolado em seu território. Há necessidade de manter relacionamento com outros países, mantendo intercâmbios com diversas nações, podendo variar conforme as circunstâncias, ou seja, proximidade geográfica, identidade linguística, identidade cultural, relações comerciais ou políticas, ou quaisquer outras que levem a uma maior interação e integração, sofrendo, desse modo, uma influência maior ou menor.

Figueiredo (1902) registra veementemente seu descontentamento em relação aos galicismos:

> **E por fim, não satisfeito com a adoção de vocábulos franceses, necessários uns e desnecessários outros, passamos a adotar também a estrambótica ortografia francesa, desviando-nos dos bons modelos do italiano e do castelhano – as línguas mais irmãs da nossa, - e passando a escrever com ph, com y, etc., palavras que os nossos bons e antigos mestres sempre escreveram com f, com i, etc. Mas o pior não foi isso: foi à turba-multa dos petulantes e dos ineptos, a que o Filinto chamava pitorescamente galliciparlas, entraram de mascavar o seu idioma, enxerto a torto e a direito, no velho e robusto tronco da língua de Camões, uma gafaria de francesismo que fariam rir um morto, se não fosse o enjoo que causam e o dano que tem feito (FIGUEIREDO, 1902, p. 9).**

Percebe-se que a preocupação com o abuso no emprego dos estrangeirismos não é recente, mas se Figueiredo (1902) se posiciona contra os galicismos, parece não se dar conta que aceita outros empréstimos, que consideram legítimos, ao nomear os “bons modelos do italiano e do castelhano”. A questão de Figueiredo (1902) parece mais certa rejeição do modelo francês do que exatamente um repúdio a empréstimos ou importações linguísticas.

Algumas reações dos defensores do purismo linguístico quase chegam às raias da anedota, como o registra Coutinho (1976) ao fazer referência ao

latinista brasileiro, Castro Lopes, que pretendia a substituição dos estrangeirismos (nesse caso, também, galicismos) mais comuns em português por elementos formados, sobretudo do latim. Eis suas sugestões: preconício (recla, e), nasóculos (pince-nez), focale (cachê-nez), ancenúbio (nuance), lucivelo ou lucivéu (abat-jour), rinimol (avalanche), cardápio (menu), convescote (piquenique), cabidel (carnet), ludâmbulo (tourist), plutenil (parvenu),protofonia (oveture). Ora, o uso da língua não se faz por decreto ou por ordem da academia. Os usuários da língua portuguesa preferiam continuar usando os neologismos com os quais já estavam habituados:

> **Os decretos do Dr. Castro Lopes foram obedecidos e não sobreveio a anarquia idiomática. Não decaiu nem se decompôs a língua com a invasão dos galicismos. Pelo contrário, a influência francesa só lhe foi benéfica. Enriqueceu-se o campo léxico-ideológico e, também, o sintático-estilístico. Basta atentarmos na plasticidade da prosa de um Eça de Queiroz ou de um Joaquim Nabuco para comprová-lo. Se a língua não se desfibrou com o ingresso de galicismo, não há razão para temer que ela se abastarde com o fluxo de anglicismo, cada dia mais acentuado por força do papel relevante que desempenham no mundo os povos de língua inglesa. Nosso idioma já provou dispor de poderosos recursos de autodefesa. Os seus usuários saberão eliminar o supérfluo. [...] o estrangeirismo não é coisa facilmente extirpável de um idioma, pois que nele entrou por necessidade, para suprir um *déficit* cultural. Desde épocas antigas numerosas palavras têm saído do seu domínio original para as regiões mais distantes (CUNHA, 1968, p. 34).**

Recentemente, o purismo linguístico recrudesceu em terras brasileiras. O deputado federal Aldo Rebelo do PC do B, de São Paulo, se arvorou em defensor da língua portuguesa e buscou combater o uso abusivo do estrangeirismo. Seu Projeto de lei n. 1676, de 1999, propunha “a promoção, proteção, defesa e o uso da língua portuguesa” objetivando punir o uso de estrangeirismos no léxico, sob a forma de lei. Em um artigo especial para o caderno Mais da *Folha de S. Paulo,* de 15 de abril de 2001, o deputado defende a língua portuguesa e reconhece seu processo de americanidade:

> **O português falado no Brasil, mais, muito mais que o escrito, demonstrou plasticidade suficiente para atrair a insubstituível contribuição das línguas indígenas e africanas se assim consolidar-se como elementos decisivos da unidade nacional [...] As incorporações e empréstimos indígenas e africanos apenas prosseguiram a grande capacidade do português de absorver contribuições de outras línguas (REBELO, 2001, p. 22).**

Segundo Rebelo (2001), *estrangeirismo é o uso desnecessário e exagerado de palavras e expressões estrangeiras na nossa língua*.

O estrangeirismo é um fenômeno que agride línguas do mundo inteiro. Isso não é privilégio da Língua Portuguesa. Já tendo sido tema até de provas do Vestibular, o uso de expressões estrangeiras podem revelar dinamismo,

mas também uma espécie de "colonialismo linguístico". Tudo depende do quanto de vocábulos "emprestados" o falante pode estar usando em seu cotidiano (REBELO, 2001).

Segundo Rebelo (2001), em nosso mundo globalizado, o inglês tem sido o grande "vilão" e muitos países têm até mesmo imposto multas e punições a quem usar de anglicismo indiscriminadamente - como é o caso em algumas regiões do Canadá. A proporção dessa interferência é maior do que normalmente imaginamos: "entre as línguas de maior número de falantes, o inglês está em segundo lugar, após o mandarim dos chineses. "[...] Hoje, é a língua da ciência, das finanças e da tecnologia, dos filmes de Hollywood e dos *megashows*, da informática e da Internet, da veiculação de informações em escala global".

Mas, como essa influência tem afetado nosso idioma? Bem, há palavras inglesas em diferentes níveis de incorporação e/ou utilização, como podem ser observados nos exemplos a seguir: (FARACO, 2001, p 41).

Nível 1 - palavras já incorporadas inteiramente, já tendo sofrido acomodações gráficas ao nosso idioma: triste, suave, inferno, piquenique, futebol, voleibol, tênis, xampu, forró (da expressão " baile for all" = bailes para todos), estresse, acessar, etc.

Nível 2 - palavras que mantêm seu traço linguístico anglo-saxão, mas já fazem parte de nosso cotidiano: rock, strip-tease, performance, etc.

Nível 3 - palavras que revelariam ou a limitação do nosso idioma em relação aos novos temas da vida contemporânea, ou a limitação do falante em relação ao vocabulário que domina em seu próprio idioma - esse nível é o mais criticado por linguistas: boom, software, hardware, site, in/out (dentro e fora da moda), cult, etc. Nesses casos, devem-se, inclusive, usar aspas ao escrever tais vocábulos.

Ainda assim, é bom lembrar que qualquer língua pode ser agredida por esse tipo de influência - o inglês mesmo possui vários casos. Além disso, no caso específico do Brasil, várias nações contribuíram - em maior ou menor proporção - para a composição do português aqui falado, como é o caso do francês, caracterizando o galicismo exemplificado pelas palavras abajur, complô, burocracia, lingerie, necessaire, menu, etc... (REBELO, 2001).

O citado deputado acredita que o uso abusivo de estrangeirismos descaracterizaria a língua portuguesa. Alega que muitas pessoas “sentem-se constrangidas, humilhadas por não saberem o significado de palavras como ‘on sale’ ou ‘50% off’ e até mesmo ‘delivery’. Porque não usar ‘liquidação’ ou ‘50% de desconto’ ou até mesmo ‘entrega em domicílio’. Ele acredita que o uso de estrangeirismo contribuirá para “aprofundar o fosso social”. Sua intenção com o projeto era a de coibir (2001, p. 23) “o abuso, o pedantismo que humilha brasileiros desconhecedores de outras línguas senão o português”.

Fiorin (2004, p. 115) analisa o Projeto de Lei de Aldo Rebelo e argumenta que o ponto de vista de Rebelo, de que as pessoas não são obrigadas a conhecer os vocábulos estrangeiros, pode ser combatido pelo fato de que "qualquer pessoa é capaz de aprender qualquer setor do vocabulário, se ele tiver algum sentido para ela". Portanto, se esse estrangeirismo vier a fazer parte do universo dessas pessoas, terá seu significado assimilado por elas. Em entrevista ao repórter Eder Parladore, a respeito desse Projeto de Lei, comenta:

> **[...] as línguas não decaem, nem progridem, elas apenas mudam [...] Uma língua moderna, em constante evolução permite o uso de estrangeirismo [...] Se a língua fosse algo fixo, estaríamos falando latim, e não português [...] É o uso que faz a língua. É claro que do estrito ponto de vista comunicacional, não é admissível colocar "delivery" em vez de "entrega em domicílio". Agora, do ponto de vista da conotação da modernidade, o uso do inglês tem um sentido ligeiramente diferente. "Entrega em domicílio" conota todas as tradições brasileiras, enquanto "delivery" conota a modernidade, a eficiência. E a gente não pode ignorar essas coisas, fazendo uma lei que determine o que pessoas vão falar, assim ou assado (FIORIN, 2001).**

Na visão de Fiorin (2001), as razões culturais e políticas que levam uma sociedade a adotar termos e expressões que, inicialmente lhe parecem tão estranhas, mas que logo são adotadas no cotidiano.

Fiorin apud (FARACO, 2001) afirma que um idioma se caracteriza por uma gramática e por um fundo léxico comum. Se em nenhum dos dois casos o estrangeirismo afetar a base estrutural da língua, não haverá descaracterização do idioma.

Para designar as palavras que passam do léxico de uma determinada língua para outra, têm sido utilizadas várias denominações. As mais comuns são: *estrangeirismo*, *empréstimo* e *importação.* Alguns autores chegam mesmo a usar estes termos de um modo diferenciado, aplicando-os de acordo com diferentes processos. *O termo estrangeirismo aplica-se, normalmente, a todas as palavras estrangeiras que não estão integradas ao léxico do português* (FREITAS, 2003). Não designa o processo de passagem da palavra de uma língua para outra, como acontece geralmente com os termos *empréstimo* e *importação (*ANDRADE, 1997).

Conforme Freitas (2003), esse processo de integração decorre em três fases, que correspondem ao tipo de transformações evidenciadas pela palavra: a) transformações imediatas; b) transformações progressivas; c) integração ao léxico.

- **Transformações imediatas**

Segundo o artigo de Freitas & Ramilo & Soalheiro (2003), quando as palavras passam de uma língua para a outra, é natural que se manifestem de imediato algumas transformações. Elas serão tanto mais significativas quanto maior for à diferença entre as línguas, tendo em conta aspectos como o inventário fonológico, a estrutura morfológica, os parâmetros sintáticos, etc.

No entanto, por uma determinada palavra manifestar essas transformações imediatas, não podemos afirmar com certeza que um dia virá a ser integrada ao léxico. Há, no entanto, muitos casos de palavras importadas de outras línguas que não chegam a perder o estatuto de estrangeirismo, ou seja, que não passam pelas transformações necessárias para integrar o inventário de formas lexicais disponíveis na língua. É nessa situação que geralmente se encontram os nomes próprios estrangeiros, assim como as palavras que designam realidades específicas de outras culturas.

A adaptação fonética imediata está relacionada com o fato de não existirem, em português, os mesmos segmentos ou contrastes fonológicos que existem na língua de origem, como os segmentos nasais do francês e do inglês. Em relação ao francês, observamos que as vogais nasais, por natureza [+ baixas], se tornam sistematicamente [- baixas], como as restantes vogais nasais do português padrão (*soutien*: souti[Ẽ] > suti[ã], por exemplo).

As adaptações morfossintáticas das palavras estrangeiras, na primeira fase do processo de integração, ocorrem basicamente da atribuição de gênero e da integração numa classe de palavras. Aos nomes comuns provenientes do inglês é normalmente atribuído o gênero masculino, Nomes como *flash*, *ketchup* e *software* têm gênero masculino, pois não existe qualquer tipo de motivação formal ou semântica para atribuir o gênero feminino (FREITAS & RAMILO & SOALHEIRO 2003).

Há também um fator de ordem semântica que pode ser decisivo na atribuição do gênero. Alguns autores o chamam de atração sinonímica, processo pelo qual o estrangeirismo adquire o gênero feminino por estar associado a uma palavra vernácula feminina que designa um conceito equivalente. Exemplificando: *homepage* (página), *internet* (rede), *password* (palavra), *star* (estrela, celebridade).

A integração das palavras estrangeiras numa determinada classe de palavras, tal como a atribuição do gênero, processa-se de um modo imediato. Essa é uma operação relativamente trivial, a não ser no caso das estruturas sintaticamente analisáveis na língua de origem que, na passagem para o português, se tornam inanalisáveis. Exemplos ilustrativos são a transformação dos sintagmas do inglês *free shops*, *wearable computers* e *world music* em nomes comuns e também a transformação do sintagma *honoris causa*, do latim, num adjetivo.

O que se verifica em nível semântico, no primeiro momento em que uma palavra passa de uma língua para outra, é uma tendência muito forte para que as formas sejam monossêmicas, uma vez que normalmente designam uma realidade específica para a qual não existe um correspondente vernáculo. Exemplificando, em português, *retarder* (dispositivo instalado em alguns veículos que funciona a par com os travões para diminuir a velocidade em segurança) apresenta um significado restrito.

As palavras estrangeiras que se encontram nessa primeira fase caracterizam-se por apresentar uma grafia idêntica à da língua de origem. Pelo fato de serem sentidas como estranhas ao sistema linguístico, é comum ocorrerem com tipos gráficos (aspas, itálicos, etc.) distintos http://www.iltec.pt/.

- **Transformações progressivas**

Segundo Freitas & Ramilo & Soalheiro (2003), em seu artigo alguns fenômenos não correspondem a transformações imediatas, mas a adaptações progressivas que decorrem do tempo e da frequência de uso de uma determinada palavra estrangeira. A partir desses processos, dá-se uma aproximação mais significativa, em nível formal, entre os estrangeirismos e as restantes palavras do léxico do português http://www.iltec.pt/.

Os casos de adaptação fonética que apresentaremos, prendem-se essencialmente com a tentativa de fixação do acento. Centrar-nos-emos principalmente nos casos do inglês. Na verdade, a razão por que damos prioridade ao tratamento dos exemplos dessa língua deriva do fato de ser dela que provém a maior parte das novas palavras estrangeiras (oitenta por cento dos neologismos estrangeiros).

Ao contrário do que acontece no português, o acento do inglês não tende a incidir sobre a última vogal do radical dos nomes e adjetivos. É natural que algumas palavras manifestem mudança acentual quando pronunciadas na nossa língua. Isso é particularmente evidente no caso dos vocábulos compostos e derivados por prefixação, como se pode ver neste quadro:

Acento no inglês	Acento no português
chéck-in	check-ín
kétchup	ketchúp
hómepage	homepáge
ínterface	interfáce
mégastore	megastóre
sóftware	softwáre
tópless	topléss
wórkshop	workshóp

Ao deslocar-se para a direita, o acento passa a incidir sobre a última vogal do semantema, estando em conformidade com a regra de acentuação do português relativa ao sistema nominal.

Quanto aos fenômenos morfossintáticos dessa fase, abordaremos a questão da fixação da forma do plural dos substantivos e adjetivos do inglês. Neste idioma, os adjetivos não contrastam em número; usados no português, naturalmente passam a ter essa propriedade. A variação relativa à forma do plural é também característica dos estrangeirismos de origem latina. Isso resulta do fato de essa língua apresentar terminações de plural bastante distintas do morfema –s português, o que gera uma certa hesitação por parte dos falantes. Em relação à palavra *corpus*, por exemplo, observamos três formas de plural diferentes: *corpus*, *corpora* e *corporas*. A variação entre *câmpus* e *câmpi*, como plural de *câmpus*, é também, muito frequente, se bem que a forma mais conservadora predomine na expressão escrita www.iltec.pt/-estrangeirismos.

Os estrangeirismos que se encontram na segunda fase do processo de integração caracterizam-se morfologicamente pelo fato de poderem originar novas palavras por meio de composição e derivação por prefixação. Esses processos de criação de palavras podem operar sobre elementos que ainda não se encontram integrados ao léxico. Desse modo, é possível encontrar vocábulos cuja forma de plural ainda não se encontra definida na língua, mas que podem integrar novas palavras quer por composição, quer por derivação prefixal. Tomando o estrangeirismo *corpus* como exemplo, observamos que já se encontram atestadas as formações *megacorpus*, *pré-corpus*, *subcorpus* e *corpus-piloto*, entre outras. O mesmo se verifica em relação à palavra inglesa *modem*: estão atestadas as estruturas *anti-modem* e *fax-modem*, por exemplo.

É normalmente na segunda fase do processo de integração que os estrangeirismos começam a aparecer nos textos com grafias alternativas à da língua de origem. Nos meios de comunicação social, por exemplo, há uma tendência clara para manter a forma gráfica original. Palavras como *cartoon* e *cocktail* são consistentemente produzidas com a grafia da língua de origem, não obstante haver já propostas de aportuguesamento nos dicionários. www.iltec.pt/-estrangeirismos.

2.2 Marcos Bagno, um dos principais opositores ao projeto de lei nº 1676/99

Marcos Bagno argumenta contra os mitos:

1º Mito "Em toda a extensão territorial geográfica do país, fala-se a língua portuguesa". Marcos Bagno cita os falares regionais como uma variedade linguística.

2º Mito "Proteger a língua portuguesa é proteger a nós mesmos e a nossa rica variedade cultural". Marcos Bagno diz: "Não existe língua pura, o vocabulário de qualquer língua do mundo é o resultado de séculos de intercâmbios com outros povos, outras culturas e consequentemente, outras línguas. Querer uma língua pura é o mesmo que querer uma raça pura, e já sabemos a que tipo de situações trágicas as ideias desse tipo podem levar...".

3º Mito "Outros países têm leis parecidas e nem por isso deixam de ser a Meca do mundanismo cultural, como é o caso da França, sempre rigorosa e restrita na defesa orgulhosa da língua francesa". Segundo Marcos Bagno, a lei Francesa de 1975 sobre os anglicismos não teve nem de longe o efeito esperado sendo alvo de escárnio por parte dos franceses, que cada dia mais recheiam sua fala de termos oriundos do inglês.

4º Mito - A crença na descaracterização de nosso idioma. "Outra coisa importante é lembrar que os estrangeirismos não alteram as estruturas da língua, a sua gramática, por isso não são capazes de destruí-las. Os estrangeirismos contribuem apenas no nível mais superficial da língua, que é o léxico" diz Marcos Bagno.

3. RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E CULTURA

Na visão de Alves (1992), as influências linguísticas exercidas de uma nação sobre outra não podem ser consideradas apenas em sua forma mais essencial e primária, precisam ser levadas em consideração todo um conjunto cultural agregado ao idioma, que dessa forma pode ser visto como elemento disseminação de cultura. A linguagem e a cultura dependem constantemente uma da outra (língua e cultura são duas faces de uma coisa só) e graças à linguagem, as mais variadas culturas são fortalecidas. Portanto as duas estão interligadas e mesmo que não se saiba exatamente quando a linguagem surgiu, pode-se afirmar com certeza que a cultura e seus estudos possibilitam a evolução dela e vice--versa.

É por isso que domínio sobre línguas estrangeiras representa mais do que uma simples habilidade linguística: representa aptidão multicultural bem como versatilidade de estruturar o pensamento por diferentes vias e de interpretar realidades sob diferentes óticas. Isto, entretanto, não implica o comprometimento de nossa língua mãe nem de nossa cultura. Através da intensa atividade de comércio com países do exterior, o Brasil tem sido fortemente influenciado pela língua inglesa, que, atualmente, pode ser considerada uma língua universal (ALVES, 1992).

Acreditamos que algumas circunstâncias nos têm levado a encarar com excessiva naturalidade, ou até mesmo com certa indiferença, a predominância no Brasil desses elementos tão estranhos à nossa cultura.

Nossa extrema familiaridade com a língua inglesa, por exemplo, é uma dessas circunstâncias, porque depois do português ela é a língua que mais ouvimos, lemos e falamos no Brasil, embora estejamos cercados de países de língua espanhola e convivamos com imigrantes de várias nacionalidades, cujas "falas", aliás, a maioria dos brasileiros tem dificuldade até mesmo de identificar a origem (ALVES, 1992).

Além disso, o fato de os americanos dominarem uma boa parte do mercado ligado à tecnologia faz com que sejam introduzidas em nossa língua muitas palavras dessa área, especialmente aquelas usadas em computação (ALVES, 1992).

3.1 Linguagem Cultura e Ensino

Geralmente, as atitudes pedagógicas do professor de inglês, ou seja, aquelas atitudes voltadas especialmente para a educação e para o processo de ensino aprendizagem, assumem aspectos que podem se desdobrar em:

a) Uma atitude político-cultural:

"Precisamos ter mais consciência, compreensão do que está acontecendo conosco em termos de penetração cultural/linguística norte-americana, pela mídia."

b) Uma atitude didático-linguística:

Tal atitude dá suporte à prática de ensino da língua inglesa, revelando a base da concepção de ensino e linguagem de alguns professores de inglês. Ressalte-se que o professor de inglês assume a projeção da mídia sobre a língua inglesa, ou seja, a projeção segundo a qual a aquisição do inglês significa o acréscimo de uma outra cultura, o que vem ao encontro de um fim utilitarista bem ao gosto da definição capitalista de cultura.

Guattari & Rolnik (1.983, p.17) apresentam três sentidos de cultura:

1) **Cultura-valor**; esta definição remete a um julgamento de valor, uma vez que determina quem tem e quem não tem cultura, isto determina quem pertence a meios cultos e a "meios incultos";

2) **Cultura-alma coletiva**; segundo esses autores, este é o tipo ‘mais democrático’ uma vez que afirma que todos têm cultura:

- cultura negra, cultura underground, cultura técnica, etc. Trata-se esta da dimensão mais ambígua de cultura, uma vez que, de acordo com estes autores, "é uma dimensão semântica que se encontra tanto no partido hitleriano, com a noção de *folk* (povo), quanto em numerosos movimentos de emancipação que querem se reapropriar de sua cultura, e de seu fundo cultural" (GUATTARI & ROLNIK, 1983).

3) **Cultura-mercadoria**: nesta concepção de cultura, não há julgamento de valor (não se tem mais ou menos cultura), nem territórios coletivos de cultura mais ou menos secretos, como na concepção 2. Aqui, "a cultura são todos os bens: todos os equipamentos (casas de cultura, etc.), todas as pessoas (especialistas que trabalham nesse tipo de equipamento), todas as referências teóricas e ideológicas relativas a esse funcionamento, enfim, tudo que contribui para a produção de objetos semióticos (livros, filmes, etc.), difundidos num mercado determinado de circulação monetária ou estatal"(GUATTARI & ROLNIK, 1983).

Correspondente à primeira concepção de cultura, ou seja, cultura-valor, o professor de inglês fala em *"ensinar inglês para aumentar o nível cultural de seus alunos".*

A conclusão que daqui se tira é a da inferioridade cultural da cultura brasileira com relação à cultura norte-americana. Para a segunda concepção, ou seja, da democratização da cultura, o professor procura valorizar nossa cultura, colocando a cultura norte-americana como diferente apenas. Geralmente, com essa atitude, o professor vê que o brasileiro "tem tanta criatividade quanto o americano", "que a cultura norte-americana é apenas diferente. Tem suas coisas boas". Correspondente à terceira concepção acima, o professor fala da ‘necessidade de se adquirir uma outra cultura’, porém sem consciência de que se trata de uma concepção capitalística de cultura onde tudo é mercadoria (CASTRO, 2004).

Segundo Castro (2004), deste ponto de vista, o papel do professor resume--se em ‘vender’ o produto; o papel do aluno é do consumidor (tem que consumir senão fica para trás, fica retrógrado, quadrado, não consegue emprego, etc...).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho demonstrou que a integração dos estrangeirismos ao português do Brasil é feita por fase e que a cada uma dessas fases corresponde um conjunto de fenômenos linguísticos específicos. Consideramos, sobretudo, fenômenos de natureza fonológica e morfológica, remetendo a grafia para segundo plano, na convicção de que esta é menos adequada para dar conta do grau de integração das palavras.

Outro fator além dos mencionados se refere ao processo de globalização nas relações multiculturais que se fazem por meios como: a música, o cinema, a TV, e principalmente a *Internet.*

Atualmente a internet passou a ser um grande fator de disseminação de informações possuindo uma linguagem própria de comunidades nacionais e internacionais, dessa forma a possibilidade desse mundo virtual influenciar culturas e modos de vida é muito grande.

Conforme os autores, os estrangeirismos não representam o fim de uma língua, tampouco a desnacionalização ou o empobrecimento da língua que recebe o empréstimo. O processo é justamente o contrário: tal invasão de estrangeirismos, no caso da língua portuguesa, não empobrece, mas enriquece ao incorporar termos que não são previstos em seu léxico.

Não devemos desprezar as outras culturas disseminadas, contudo não podemos passar a ver o mundo através de um ponto de vista único, tendo uma visão míope da realidade, pois apesar de sermos altamente influenciados por culturas dominadoras, vivemos sempre condicionados às linguagens regionais que nos

mostram a realidade diferente que nós temos. Por isso, precisamos adequar-nos à nossa realidade, e esta se adequar ao mundo.

Assim, diante da pesquisa, conclui-se que falamos o português sim, mas não o mesmo de outrora e não será o mesmo de amanhã, a língua evolui, pois não está morta, é a língua que vive dos falantes não são os falantes que vivem da língua.

O importante é fazer parte de uma cultura que nos dá uma identidade, que nos faz diferentes, que nos dá valores específicos, e, ao mesmo tempo estar integrado num contexto social de globalização. Enquanto os brasileiros acharem que a língua de prestígio não é a nossa, nada mudará. Todavia a solução não é a proibição e sim a mudança de atitude.

Segundo Bagno (2001), acreditamos na dinâmica da língua, pois, o Português de hoje não é o mesmo de ontem e não vai ser o mesmo de amanhã, ontem português de Portugal, hoje português do Brasil e talvez amanhã apenas brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. **Incidência de anglicismos no discurso jornalístico na área econômica.** Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 1992.

BAGNO, M. **Português ou Brasileiro**? (um convite à pesquisa). **São Paulo**: **Parábola Editorial**. 2001.

BECHARA, I. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. São Paulo: Lucema, 1999.

CASTRO, S.T.R **Representações de alunos de inglês de um curso de letras**.The Especialista, v. 25n especial, 2004.

COUTINHO, A. E. **Conceito de literatura brasileira.** Rio de Janeiro: Pallas, 1976.

CUNHA, C. **Língua Portuguesa e Realidade Brasileira**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

FARACO, C. A. (org.). *Estrangeirismos*: guerras em torno da língua. São Paulo: Parábola, 2001. FREITAS, T. et al. **O processo de integração dos estrangeirismos no português europeu.** A publicar nas Actas do XVIII Encontro de Associação Portuguesa de Lingüística, no Porto. 2003.

FERREIRA, A. B. de H. et al. **Minidicionário da Língua Portuguesa,** 3. ed.- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

FIGUEIREDO, C. de. **Lições práticas da Língua Portuguesa**. 8. ed. Lisboa: Clássica,1902.

FIORIN, J. L. **Considerações em torno do projeto de lei nº 1676/ 99**. **Guerra em torno da língua – questões de política linguística.** In FARACO. Carlos Alberto (org). Estrangeirismos: guerra em torno da língua. São Paulo: Parábola, Editora, 2001.

_____. **As astúcias da enunciação**. **As categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

FRANCO, C. **Piaget e o Construtivismo no Brasil contemporâneo.** São Paulo: Vertentes, São Paulo 1999.

GUATTARI, F. e ROLNIK, S. "C**ultura do Consumo" se caracteriza por criar "necessidades" Micropolítica:** cartografias do desejo. 1986.

KUPSTAS, M. **Identidade Nacional**. São Paulo: Moderna, 1997, pp. 93-4.

LURIA. A. R**. Curso de Psicologia Geral** V.01, São Paulo: Civilização Brasileira.

MORA J. F**. Dicionário de Filosofia.** VOLUME 2, 2. ed. São Paulo: Layola 1994.

REBELO, A. **Belo Culta, bela e ultrajada – um projeto em defesa da língua portuguesa**, Aldo Rebelo, Brasília, 2000.